

## REVISITANDO “PSICOLOGIA DAS MASSAS E ANÁLISE DO EU”<sup>1</sup>

| BERNARD MIDDOWNIK<sup>2</sup>

### RESUMO

A partir do centenário do texto *Psicologia das massas e análise do eu*, é feito um paralelo entre o contexto sociocultural da época do Freud e o atual, especialmente nas questões relativas à aderência a uma massa em que os sujeitos renunciam à própria personalidade para estabelecerem vínculos com um determinado grupo. Busca-se compreender as questões relativas aos mecanismos inconscientes na formação dos agrupamentos humanos e a serviço de quais demandas subjetivas individuais esses agrupamentos estão. Conceitos como identificação primária, formas de expressão narcísica como narcisismo estruturante e narcisismo destrutivo são abordados. O papel do líder, tema importante para Freud, também é discutido.

Palavras-chave: grupos humanos, identificação primária, líderes, narcisismo, psicologia das massas.

### ABSTRACT

From the centenary text “Mass psychology and ego analysis”, this paper makes a parallel between the Freudian sociocultural context and the current one, especially in questions regarding the adherence of a mass in which individuals renounce their own personality to establish links with a specific group. It aims to understand the unconscious mechanisms present in the development of human groupings and to apprehend which individual subjective demands those groupings may attend. Concepts such as primary identification, and forms of narcissistic expressions, such as structural narcissism and destructive narcissism are discussed. The role of a leader, an important theme to Freud, is also considered.

Keywords: human groups, primary identification, leaders, narcissism, mass psychology.

---

1 Versão modificada do texto apresentado na V Jornada de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR) “Laços de amor e dor”, em 28 de outubro de 2021.

2 Membro efetivo com funções específicas no Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ). Diretor científico da Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI), biênio 2020-2021.

Comemorar o centenário de um texto é reconhecê-lo um clássico. Na definição do escritor e ensaísta Ítalo Calvino (2007), clássico é o texto que estamos sempre relendo e a cada leitura encontramos algo novo, que não tínhamos percebido anteriormente. Em janeiro de 2020, os diretores científicos das federadas da Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI) se reuniram no Rio de Janeiro para escolher o tema do 28º Congresso Brasileiro de Psicanálise. Junto ao tema escolhido “Laços: o Eu e o mundo”, foi enfatizada a importância de *Psicologia das massas e análise do eu* (Freud, 2013/1921) como referência teórica para embasar a perspectiva que se buscava para os debates no 28º Congresso. Desde aquela data tenho participado de eventos preparatórios com as nossas federadas e presenciado diversas e interessantes abordagens sobre o texto de Freud, o que veio a confirmar a assertiva de Calvino.

Geralmente não é um texto incluído no cânone freudiano, e costuma ser visto mais como um exercício intelectual entre os fundamentais *Além do princípio do prazer* e *O ego e o id*. Tem um importante valor histórico como precursor do estudo psicanalítico dos grupos humanos que veio a ser realizado por autores como Bion, Foulkes, Pichon-Rivière e Bleger. Para a releitura inserida na temática do congresso certamente contribuiu a angústia gerada por características da subjetividade contemporânea impregnada de um individualismo excludente com presença maciça de Eus narcísicos. Em associação a isso, há também o ambiente sociopolítico recente com polarizações intensas e massas de gentes conduzidas por *fake news*. Esses tópicos estimularam a demanda para rever esse texto com novas reflexões sobre como aplicá-las na atualidade. A pandemia tornou mais urgente a releitura e tem sido um tema onipresente em todos os eventos que as federadas da FEBRAPSI têm organizado como preparatórios ao congresso. Trago aqui algumas das reflexões surgidas de uma particular leitura e dos debates que tenho participado.

Os estudos sobre a formação e a atuação das massas ganharam corpo com o advento de uma sociologia estruturada a partir do final do século 19, que foi um período de expansão da Revolução Industrial, com meios de transporte mais rápidos e tecnologias inéditas na comunicação e na geração de energia. Houve um rearranjo geopolítico e de acumulação de capital que veio a desembocar na I Guerra

Mundial e levou, no seu bojo, à dissolução de impérios como o austro-húngaro e o otomano. Concomitante, trabalhadores em condições precárias procuravam formas de organização para congregar reivindicações, originando movimentos de protesto que, não raro, desencadeavam revoltas violentas reprimidas com mais violência. A ameaça aos poderes constituídos levou à necessidade de compreensão dos mecanismos desses movimentos para controlá-los ou manipulá-los (Penna, 2014).

Os trabalhos de LeBon e McDougall, citados por Freud, partem dessa perspectiva. Apesar de corretos na descrição fenomenológica da massa, mostravam-se saturados de visões etnocêntricas e preconceituosas que estigmatizavam como pouco instruídos os que se envolviam na massa. Freud não refutou esses argumentos porque era um iluminista crédulo no poder da razão para evitar regressões ao primitivismo de livre expressão dos impulsos. Mais adiante na sua obra, reformulou essa visão de forma mais realista, assim como a história mostrou que mentes intelectualmente privilegiadas não estão imunes ao irracionalismo coletivo. A contribuição de Freud ao estudo das massas foi a de salientar a presença dos mecanismos inconscientes que levam os indivíduos a aderirem a agrupamentos em que, para estes, convém abrir mão de características próprias da personalidade para permanecer na massa. E que na massa há uma regressão a estágios anteriores do psiquismo para atender a demandas emocionais que voltam a se fazer presentes.

A minha hipótese é que Freud, com esse texto, procurava compreender a persistência dos laços libidinais diante das situações mais adversas. O mundo de Freud carregava uma dose considerável de sofrimento. Uma guerra com tecnologias armamentistas mais poderosas multiplicou a capacidade destrutiva, o que ampliou as carnificinas e o morticínio. Os seus filhos e muitos analistas pioneiros estavam envolvidos diretamente no campo de batalha, mais um fator de angústia constante. Finda a guerra, sobreveio uma pandemia, a gripe espanhola. Mais mortes, inclusive da sua adorada filha Sophie. Não poucos devem ter sido os momentos de desamparo de Freud. Até ele, um realista sobre os destinos da humanidade. E o que os sujeitos buscam nesses momentos de desamparo? Alguma forma de ligação que minore o sofrimento psíquico. Em termos de comparação,

quem não passou por momentos de desamparo, de intensa angústia, na pandemia de agora? Foi possível sentir na própria pele a ânsia por acolhimento, seja informativo, afetivo, grupal (até as redes sociais foram importantes, apesar de estas também disseminarem *fake news*), financeiro (em nosso país, uma imensa quantidade de gentes nessa situação), “qualquer maneira de amor valeu a pena”, como na composição *Paula e Bebeto*, de Milton Nascimento e Caetano Veloso.

A partir dessa vivência tão humana, que é o estado de desamparo primitivo que costuma retornar em momentos traumáticos (Freud, 2016/1926), procuro desenvolver os aspectos psicanalíticos que Freud abordou em *Psicologia das massas e análise do eu*. Nessa ótica, considero como o conceito fundamental no texto o de identificação primária, “a manifestação mais precoce de uma ligação emocional com outra pessoa” (Freud, 2013/1921, p. 98). Correlato a esse funcionamento básico da mente primitiva, Freud acrescenta à tessitura do seu universo conceitual a importância do mecanismo de introjeção, o que incorpora a ligação ao outro como parte integrante do desenvolvimento psíquico. Ao se percorrer a obra freudiana após esse momento e, principalmente, as subseqüentes teorias das relações de objeto, verifica-se como a psicanálise passou a considerar a presença do outro como parte essencial na constituição do Eu (Gurfinkel, 2017), enfoque que modificou também os conceitos sobre o narcisismo. Não tanto um circuito fechado inicial de libido voltada para o próprio ego, como em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (Freud, 1974/1914), mas um narcisismo estruturante que se forma na relação com o outro, que possibilita ao sujeito se sentir amado e confiante na persistência dos laços libidinais com os outros, com o mundo. A partir do desenvolvimento do conceito de identificação primária, Freud prenuncia estruturas substitutivas do narcisismo primário, especialmente o ideal do Eu como resultado de identificações. Hoje, em vista de outras formulações psicanalíticas, é possível considerar a relação com o outro que surge através da identificação primária como a nova ação psíquica que impulsiona o sujeito para além da vivência intrauterina, os primeiros laços entre o Eu e mundo.

As frustrações às demandas narcísicas na relação com os outros levarão o sujeito a buscar soluções que restaurem, em parte, aspectos narcísicos estruturantes. No desenvolvimento normal, isso se dá através da capacidade de simbolização e na

ação sublimatória. Em caso de má elaboração, o sujeito pode desenvolver, por exemplo, uma personalidade narcísica que se relaciona com o ambiente através de imposições ao outro que é visto somente como extensão de si próprio. Para Freud, a saída é a resolução da ambivalência com a figura paterna, o triângulo edípico que resultará, mais adiante, em *O ego e o id* (Freud, 1976/1923), na constituição do superego como a lei que instaura possibilidade de satisfação simbólica e de tolerância à diferença.

Busca-se no grupo, especialmente na figura do líder, para Freud, o substituto das necessidades narcísicas não satisfeitas, ou até mesmo uma forma de reviver as que foram satisfeitas, naquele que vem a representar o ideal do Eu, substituto simbólico do narcisismo primitivo. Na relação de equilíbrio ou desequilíbrio entre as necessidades narcísicas satisfeitas e insatisfeitas em conjunto com a forma do líder instrumentar o objetivo do grupo é que se determinará o que predomina: se laços que visam às ligações amorosas, porém complexas, já que comportam a ambivalência afetiva; ou se laços com visões maniqueístas de mundo, que servem ao ódio excludente e desumanizador do outro.

Tempos difíceis geram desamparos individuais e coletivos, exacerbam ressentimentos. Líderes perversos se aproveitam dessa conjuntura para, através do discurso manipulador e simplificador, da sedução carismática e da autoidealização extrema, oferecer um pretense mundo novo de satisfação ilimitada. A moeda de troca será, através de uma identificação adesiva, a substituição do ideal do Eu individual pelo Eu do líder, um Eu ideal que leva à anulação da subjetividade própria, ao servilismo, ao fanatismo, à impossibilidade de uma relação complexa. E, condição essencial, a escolha de um inimigo contra quem se investirá o ódio a fim de exterminar a subjetividade do outro, ou até o corpo físico. Este tipo de liderança representa o pai despótico da horda primitiva, conforme Freud descreveu em *Totem e tabu*, ao qual o indivíduo se sujeita à imagem e semelhança.

Em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud compara o papel do líder ao do hipnotizador que procura influir, através da sugestão, um comportamento diverso ao do sujeito que se deixa hipnotizar. Freud também destaca que em situações cotidianas, por exemplo, no apaixonamento, o outro é carregado de

idealização e o apaixonado tende a minimizar ou negar, num primeiro momento, todas as imperfeições desse outro. Ao comparar essas situações, Freud mostra que a influência exercida pelo líder é eficaz quando vai ao encontro de uma necessidade interior dos sujeitos. Essa visão sobre o papel do líder era muito cara a Freud e serviu de base a outros autores como Theodor Adorno na descrição da personalidade autoritária (Penna, 2014).

A massa, ao se estruturar em torno de um líder, também o faz por uma necessidade de ligação. Sujeitos se irmanam no desespero e no desamparo, no narcisismo ferido e na necessidade de se sentirem amados por uma figura onipotente da qual pretendem introjetar a potência narcísica. Uma estratégia de sobrevivência psíquica em face de um estado de grande desalento e vazio existencial, uma tentativa de conseguir alguma compensação simbólica que preencha esse espaço mental. O problema com os grupos que se estruturam em torno de um líder narcísico que promete todo tipo de salvacionismo e messianismo é o de precisar se retroalimentar com as ilusões que o próprio grupo criou para negar a fragilidade, a transitoriedade, até a morte. A prova do juízo de realidade não é capaz de modificar essa estrutura, não se aprende com a experiência. São grupos e pessoas de uma nota só.

A diferença está entre líderes de morte – como Hitler, Mussolini e Stalin – e líderes de vida – como Gandhi, Martin Luther King e Nelson Mandela –. Com estes, a relação intragrupal abre espaço para perdas parciais do ideal (do líder e outros), para a tolerância à ambivalência afetiva e às diversidades subjetivas. A massa se torna um grupo integrado, apesar das diferenças entre os sujeitos, e é capaz de conquistas amorosas e civilizatórias. Neste grupo, o narcisismo estruturante e necessário das fases iniciais do desenvolvimento psíquico pavimenta o espaço mental para a integração interna e para a relação com os outros. Diferente do anterior, no qual o narcisismo destrutivo, a partir de dissociações internas, dissocia também os laços entre o Eu e o mundo. Esses dois modos de funcionamento estão presentes tanto no interior individual quanto nos pequenos e nos grandes grupos. E ambos, sujeitos e grupos, são passíveis de serem dominados pelos aspectos destrutivos em determinados momentos, principalmente quando o ambiente não oferece compensações concretas e simbólicas para as inevitáveis frustrações e

carências internas.

Psicanalistas também se identificam e idealizam seus autores preferidos. Quando não se adere a eles de forma irrestrita, todos são passíveis de críticas, de perdas parciais da função de ideal do Eu e do reconhecimento de sua humanidade. Quando há amor obsessivo pelo ídolo ou sacralidade do autor psicanalítico, a relação se esteriliza e obstrui o crescimento emocional. O mesmo se dá com as idiossincrasias da relação transferencial-contratransferencial. A idealização do analista pelo analisando se torna problemática quando o analista precisa se sentir idealizado por alguma demanda narcísica própria, o que pode levar a formação de pactos perversos.

Em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud mostrou as inúmeras formas do funcionamento dos vínculos nos diversos tipos de agrupamentos que podem até, paradoxalmente, se tornarem veículos inconscientes de destruição do processo civilizatório, das relações pessoais e da relação analítica, em contraposição aos vínculos criativos e integradores. Cabe a nós compreendê-los e tratá-los dentro das nossas possibilidades.

## REFERÊNCIAS

- Calvino, I. (2007). *Por que ler os clássicos*. (N. Moulin, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1974). Sobre o narcisismo; uma introdução. In *Edição standard das obras completas de Sigmund Freud*. (C. M. Oiticica, Trad., v.14 pp. 85-119). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (1976). O ego e o id. In *Edição standard das obras completas de Sigmund Freud*. (P. P. S. Madureira, Trad., v.19 pp. 13-83). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S. (2013). *Psicologia das massas e análise do eu*. (R. Zwick, Trad.). Porto Alegre: L&PM Editores. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (2016). *Inibição, sintoma e medo*. (R. Zwick, Trad.). Porto Alegre: L&PM Editores. (Trabalho original publicado em 1926)
- Gurfinkel, D. (2017). *Relações de objeto*. São Paulo: Blucher.
- Penna, C. (2014). *O inconsciente social*. São Paulo: Casa do Psicólogo.